

**ELIANA MARIA GARCIA**

**Gestão do Festival Mix Brasil:  
a cultura da diversidade em foco**

**CELACC/ECA-USP**

**2013**

**ELIANA MARIA GARCIA**

**Gestão do Festival Mix Brasil:  
a cultura da diversidade em foco**

Trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação  
*Lato Sensu* em Gestão de Projetos Culturais e  
Organização de Eventos, produzido sob orientação  
do Prof. Dr. Wilton Garcia

**CELACC/ECA-USP**

**2013**



## **Agradecimentos**

A minha amada família e queridos amigos, pela compreensão pelas ausências.

Ao meu saudoso pai, cujo legado permanece aceso dentro de mim.

Ao atencioso André Fischer, por ter me proporcionado a oportunidade de adentrar seu território sem pestanejar.

Ao prestativo Chico Lacerda, pela contribuição imprescindível em minhas pesquisas.

Ao meu caro orientador, Prof. Dr. Wilton Garcia, pela prontidão em sanar minhas inquietações.

As minhas queridas colegas de batalha, Ju, Kati e Pri, por terem, bravamente, sobrevivido a mais esse combate.

Em especial, a minha alma gêmea, por seu amor incondicional, por ser meu porto seguro em meio a turbulentas tempestades, por sempre acreditar em mim.

A salvação pertence apenas àqueles que aceitaram a loucura escorrendo em suas veias.

Caio Fernando Abreu

## Sumário

Introdução.....	07
Mix Brasil.....	09
A curadoria.....	13
Questões organizacionais.....	19
Desafios e perspectivas.....	22
Considerações finais.....	29
Referências Bibliográficas.....	30
Webgrafia.....	31

# **Gestão do Festival Mix Brasil: a cultura da diversidade em foco**

**Eliana Maria Garcia<sup>1</sup>**

**Orientador: Prof. Dr. Wilton Garcia**

## **Resumo**

Ao completar duas décadas, o Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade passou por uma reformulação, ampliando a abrangência de seus domínios. Assunto cada vez mais pertinente de ser discutido na contemporaneidade, a diversidade sexual encontra lugar e representação neste festival. Para tanto, faz-se necessária a investigação de como a gestão do Festival Mix Brasil acontece e como promove a visibilidade desta comunidade e incentiva a produção de audiovisuais e outras manifestações culturais com esta temática.

**Palavras-chave:** Festival Mix Brasil; diversidade sexual; gestão; LGBT.

## **Abstract**

By completing two decades, the Mix Brasil Cultural Diversity Festival has undergone a makeover, expanding the breadth of his domain. Increasingly relevant issue to be discussed in contemporary, sexual diversity finds its place and representation in this festival. Therefore, it is necessary to investigate how the management of the Mix Brazil Festival happens and how promotes the visibility of this community and encourages the production of audiovisual and other cultural events on this theme.

**Keywords:** Mix Brazil Festival; sexual diversity; management; LGBT

## **Resumen**

Al completar dos décadas, el Festival Mix Brasil de la Cultura de la Diversidad ha sufrido un cambio de imagen, la ampliación de la anchura de su dominio. Cuestión cada vez más importante a tratar en la contemporaneidad, la diversidad sexual encuentra su lugar y representación en este festival. Por lo tanto, es necesario investigar cómo la gestión del Festival Mix Brasil sucede y cómo promueve la visibilidad de esta comunidad y estimula la producción de eventos culturales audiovisuales y otros sobre este tema.

**Palabras clave:** Festival Mix Brasil, diversidad sexual, gestión, LGBT.

---

<sup>1</sup> Atriz e radialista, pós-graduada em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, pelo CELACC/ECA-USP

## Introdução

Em 2012, o Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade completou vinte anos, com uma intensa programação focada na diversidade sexual, ao longo de vinte dias, no eixo São Paulo-Rio (de Janeiro). Pioneiro no Brasil, o Festival Mix Brasil é veículo de visibilidade à produção audiovisual sobre a diversidade sexual e, ao longo de seus vinte anos, viu crescer o número de produções e vivenciou a modificação de abordagem dos roteiros. A questão LGBT continua latente, menos em tom de militância e mais em nuances sutis, em peculiaridades do cotidiano, evidenciando que os cidadãos LGBTs desejam ser retratados em audiovisuais e outras manifestações culturais como parte da sociedade e não somente como uma minoria marginalizada.

Nessa 20ª edição, o festival mudou seu subtítulo – Diversidade Sexual, nas edições anteriores – para Cultura da Diversidade, a fim de abarcar as manifestações artísticas (música, teatro e literatura) que se somaram ao tradicional audiovisual.

Nestas duas décadas, a comissão organizadora enfrentou inúmeros desafios e resiste às adversidades surgidas. No início dos anos 90, o Mix Brasil esteve na vanguarda ao cunhar o termo GLS<sup>2</sup> – internacionalmente, LGBT<sup>3</sup> –, e trazer à tona um panorama da produção audiovisual com essa temática, em tempos de grande preconceito, impulsionado principalmente pelo desconhecimento e pelo avanço da AIDS, considerada por setores conservadores e religiosos como o “câncer gay”.

Hoje, por um lado, há a crescente e efervescente produção audiovisual focada na diversidade sexual, que usa de vários canais para difusão; por outro lado, torna-se cada vez

---

<sup>2</sup> Sigla criada por André Fischer, quando da realização da 1ª edição do Festival Mix Brasil, em 1993, para designar gays, lésbicas e simpatizantes. Conforme o *Manual de Comunicação LGBT*, produzido pela ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais), este termo se popularizou por designar, em uma única sigla, não só os “gays” e “lésbicas”, mas também aqueles que, independentemente de orientação sexual ou identidade de gênero, são solidários, abertos e “simpatizantes” em relação à diversidade LGBT. GLS também é utilizado para descrever as atividades culturais e mercadológicas comuns a este grupo de pessoas. A sigla GLS é excludente porque não identifica as pessoas bissexuais, travestis e transexuais. Dessa forma, não deve ser empregada como referência à esfera política das diversas vertentes dos movimentos LGBT. Disponível em: <<http://www.abglt.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>>.

<sup>3</sup> LGBT – lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Esta sigla passou a ser utilizada, em substituição a GLBT, após discussões da Diretoria da ABGLT, e das determinações da I Conferência Nacional LGBT, realizada em Brasília de 5 a 8 de junho de 2008. É uma sigla padrão para utilização em todas as comunicações feitas pelas afiliadas, a mídia e o governo. A mudança se fez necessária para garantir maior visibilidade ao segmento de lésbicas no ativismo brasileiro e para igualar-se ao padrão utilizado internacionalmente. Disponível em: <<http://www.abglt.org.br/port/basecoluna.php?cod=121>>.



mais intensa a necessidade de parcerias e patrocinadores que invistam em projetos culturais, a longo prazo, e de maneira constante.

Festival cultural com temática complexa, delicada e polêmica, como a diversidade sexual, permanece na ativa por vinte anos. As premissas da gestão deste projeto cultural são as forças motrizes que direcionam a produção deste artigo, cujo intuito é investigar e descrever a gestão do Festival Mix Brasil na expectativa de elucidar como se constitui e mantém um festival cultural cujo foco é a diversidade sexual. Também, pretende-se documentar os esforços empregados pelos organizadores para manter a vitalidade e pertinência do festival para o cenário cultural contemporâneo, bem como para a comunidade LGBT e sua contribuição para dar visibilidade a esta comunidade perante o restante da sociedade, a fim de desmistificar estereótipos e preconceitos.

O percurso metodológico trilhou os caminhos da pesquisa de referências bibliográficas, que serviu como base para o posterior aprofundamento na gestão do Festival Mix Brasil propriamente dita.

Boa parte do fundamento deste artigo baseia-se na visão do criador e gestor do festival, o jornalista André Fischer, obtida por meio de entrevista qualitativa<sup>4</sup> realizada como parte imprescindível e fundamental ao percurso metodológico desta pesquisa. A partir desta entrevista, foi possível descrever a gestão do Mix Brasil, bem como tecer observações pertinentes ao objeto. Esse é um olhar, entre muitos possíveis, sobre o Festival Mix Brasil. Escolha da própria pesquisadora, que desejou focar, principalmente, no relato de experiência e vivência do gestor sobre seu próprio projeto cultural. Criador e criatura. Em uma busca constante por melhoramento e, primordialmente, sobrevivência frente às constantes mudanças e avanços tecnológicos ocorridos nesses vinte anos que compreendem a existência do festival. Portanto, todas as referências constantes nas próximas páginas, cujo crédito é atribuído a André Fischer, foram colhidas durante a referida entrevista.

Neste cenário contemporâneo, urge a precisão de um planejamento estratégico na gestão de projetos culturais. O presente artigo observa, investiga e descreve, bem como elenca as estratégias utilizadas na gestão do Festival Mix Brasil, que permitem que ele se mantenha forte, consistente e atuante nestes últimos vinte anos.

Tendo em vista a recente busca por produções acadêmicas que versem sobre a gestão de projetos culturais, a presente pesquisa visa contribuir com o aumento de referências acerca deste assunto, bem como integrar o rol de produções focadas no segmento LGBT.

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida em 26 de março de 2013.

## Mix Brasil

Em 1993, o *New York Lesbian and Gay Experimental Film Festival* passou por uma reformulação em sua estrutura e passou a se chamar Mix-NY. Como parte desta repaginada, o festival convidou curadores em várias partes do mundo para montarem projetos de mostras de produções que contemplassem a expressão da sexualidade em seus países. O jornalista André Fischer, convidado por um dos diretores do Festival, Karim Aïnouz, teve seu projeto aprovado. Começava uma jornada em busca de produções brasileiras para a mostra intitulada *Brazilian Sexualities*. Segundo o próprio jornalista, produções estas que na verdade nem existiam, já que o país não possuía uma produção audiovisual direcionada para esta temática.

A tarefa de seleção dos filmes ganhou destaque através da jornalista Érica Palomino, da Folha de São Paulo, e um interesse “inesperado” trouxe um grande número de produções de “clubbers, travestis, diretores comerciais e videomakers independentes”. Foram selecionados 17 vídeos para compor a mostra, sendo que alguns deles haviam sido produzidos no final dos anos 80. Não se restringindo apenas a filmes “gays” ou “lésbicos”, mas abrangendo várias e possíveis “sexualidades brasileiras”, a mostra que teria lugar em Nova York logo chamou a atenção do público brasileiro (SILVA, 2012: p. 27).

Em São Paulo, do burburinho provocado por esta mostra, surgiu o convite do Museu da Imagem e do Som – MIS, por meio de Zita Carvalhosa<sup>5</sup>, na época, diretora do Departamento de Cinema, para que Fischer trouxesse, ao MIS, um resumo do que foi o Mix-NY, bem como a mostra de sua curadoria. Segundo Fischer, os diretores do festival contavam com uma política de expansão para outros países e obter os direitos de exibição das produções que compunham o evento em Nova York, para essa mostra em São Paulo, não foi difícil. Surgia, assim, o Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual.

Em sua primeira edição, o festival contou com cerca de setenta curtas-metragens, divididos em doze programas, seguindo o mesmo padrão de divisão de curtas temáticos do Mix-NY, incluindo a mostra *Sexualidades Brasileiras*, com dezessete curtas-metragens. Em sua maioria, retratavam a sexualidade de gays e lésbicas, além de um programa sobre *piercing* e tatuagem.

O que era para ser apenas uma mostra, em São Paulo, expandiu-se para cerca de doze cidades, como Fortaleza, Curitiba, Belo Horizonte e Brasília. Mesmo tendo a edição no Rio

---

<sup>5</sup> A produtora cinematográfica Zita Carvalhosa dirige a Cinematográfica Superfilmes, desde 1983. Foi curadora do MIS de 1988 a 1995. É fundadora e diretora do Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo e, atualmente, preside a Associação Cultural Kinoforum. Disponível em: <<http://www.superfilmes.com.br/v1/pt/texto.php?c=9>> Acesso em: 01 abr. 2013

de Janeiro cancelada a apenas quatro dias da abertura, o festival continuou a receber convites de outras cidades e já começava itinerante em sua primeira edição. Fato que passaria a fazer parte da própria constituição do festival.

Com o passar dos anos, o festival cresceu a olhos vistos, bem como o cenário de produções audiovisuais sobre a diversidade sexual. Se, em seus primeiros anos, o Mix Brasil exibia praticamente tudo que era produzido no país, sobre esta temática, inclusive coproduzindo alguns títulos, e importava boa parte dos programas do Mix Nova York, hoje, os curtas-metragens são inscritos e passam por uma criteriosa seleção por parte da curadoria, comandada por André Fischer.

E a própria estrutura do festival foi ampliando. Na primeira edição, apenas programas de curtas-metragens foram exibidos, pura e simplesmente. A partir do segundo ano, o público passou a votar em seu filme favorito. Exposições de artes plásticas e uma loja de *souvenirs*, que deu origem ao Mercado Mundo Mix, aconteceram paralelas ao evento. Além da turnê por várias cidades, que crescia a cada edição.

O intercâmbio de produções entre o Brasil e outros países também se consolidava, fazendo com que surgissem convites de outros festivais, como o *It's Queer Up North*, em Manchester, e o *San Francisco Lesbian and Gay Film Festival*, para a realização de mostras com produções brasileiras. Esse interesse se mostrava presente também na quantidade de filmes estrangeiros que a curadoria passou a receber. Segundo Fischer, participar de um festival com esta temática no Brasil era visto, pelos realizadores, como importante, já que, até então, o Mix era o único festival dessa temática, na América Latina.

Após duas edições exibindo apenas curtas-metragens, 1995 marcou o início da inserção de longas-metragens na programação. E, para continuar crescendo e aumentar seu público espectador, a organização do festival comprou seu próprio sistema para legendar os filmes, especialmente, os longas-metragens estrangeiros, que, nas primeiras edições, eram exibidos sem legenda ou com legendas em inglês, já que não havia orçamento suficiente para legendar, fato que restringia o acesso do público.

O festival ampliou, também, o número de espaços ocupados para realização de sua programação, em São Paulo. As exposições que, no princípio, aconteciam apenas no MIS, passaram a ocupar – nem sempre concomitantemente na mesma edição – o Centro Cultural São Paulo, o Espaço Unibanco de Cinema (atual Espaço Itaú de Cinema), Centro Cultural da Juventude, CineSesc, Cine Olido, Museu da Diversidade, Teatro Sergio Cardoso, além de algumas exposições ao ar livre.

A premiação concedida aos melhores do festival aumentava, a cada edição, o número de categorias contempladas. Atualmente, o júri popular premia, com o Coelho de Prata, as categorias Melhor Curta-Metragem Estrangeiro, Melhor Curta-Metragem Nacional, Melhor Longa-Metragem Estrangeiro, Melhor Documentário. Já o júri técnico premia, com o Coelho de Prata, as categorias Melhor Direção de Arte, Melhor Roteiro, Melhor Fotografia, Melhor Interpretação, Melhor Direção; e com o Coelho de Ouro, o Melhor Curta-Metragem Nacional. Há, também, o Prêmio de Aquisição Canal Brasil, no valor de R\$ 15 mil para o melhor curta-metragem, e o Prêmio CTAv (Centro Técnico de Audiovisual da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura), que consiste no empréstimo de um kit digital, pelo período máximo de duas semanas. Além do Troféu Ida Feldman, que vai para as mãos da personalidade que mais se destacar durante o festival.

A itinerância do Mix Brasil abrangia uma gama cada vez maior de cidades, como Goiânia, Recife, Salvador, Florianópolis, Campinas, Porto Alegre, Santos, Assis, São Carlos, Sorocaba, Rio de Janeiro, e conquistava o público local, com sessões com lotação máxima, como a sessão de encerramento do festival, em Recife, que levou 1.200 pessoas ao Teatro do Parque<sup>6</sup>, em 1998. A turnê tornou-se internacional, em 2001, ao excursionar por Buenos Aires.

A partir da 5ª edição do Mix Brasil, agências de publicidade, como a Amiratís Puris Lintas, Dim&Canzian e Neogama/BBH, passaram a fazer a campanha de divulgação do festival, produzindo material impresso, como cartazes e catálogos de alta qualidade, além de vídeos que passaram a ser veiculados, alguns anos, em telões espalhados pela Avenida Paulista e em emissoras de televisão, como a Rede Globo e a MTV.

A imprensa passou a cobrir o festival, divulgando sua programação e eventos correlatos. O jornal Folha de São Paulo e o portal Mix Brasil faziam a cobertura quase diária.

Eventos paralelos passaram a acontecer pela cidade, como as festas promovidas nas principais casas noturnas de São Paulo, que, ainda hoje, atraem o público ao final de cada dia de exibição. E, com a visibilidade alcançada pelo festival, aos poucos, alguns apoiadores foram surgindo. Delta Airlines, HBO Brasil, Coca-Cola, Fundação Japão, The British Council, Galeria OuroFino, InterRainbow Turismo, Kinoforum, UOL, SESC, são alguns dos apoiadores do festival, nestes vinte anos.

Em sua 7ª edição, em 1999, novidades passaram a integrar o festival: o “Show do Gongo” e a “Mostra OFF Mix de Teatro”. O “Show do Gongo” – que permanece firme e forte

---

<sup>6</sup> Informações colhidas em consulta realizada ao acervo do Festival Mix Brasil, especificamente para esta pesquisa.

na programação desde então – uma espécie de programa de auditório, sob o comando da atriz Marisa Orth, com uma plateia entusiasmada, que assiste aos filmes caseiros inscritos até cinco minutos antes do início do show. Alguns são “gongados”, outros são selecionados para julgamento pelo júri e apenas um sai vencedor. Já a “Mostra OFF Mix de Teatro” acrescentou o teatro ao festival, ampliando as possibilidades de manifestações artísticas sobre a diversidade sexual.

O festival, ao longo de suas vinte edições, apresenta uma programação variada, graças às gradativas incorporações de outras linguagens, que se somaram ao tradicional cinema e vídeo, hoje comumente chamado audiovisual. Sua estrutura fundamental está no audiovisual, por meio do “Panorama Internacional” e da “Mostra Competitiva Brasil”, além dos programas do “Curta Mix” e do aclamado “Show do Gongo”.

Em teatro, “Dramática” abarca espetáculos, performances e leituras dramáticas. Na música, o “Mix Music” acontece desde 2000, como o único festival de música voltado para o público LGBT, com diversos shows e, recentemente, com uma nova atração: o “Mix Music Karaokê”. A novidade, na 20ª edição, foi a inclusão da literatura ao festival, com a “Balada Literária Mix”, comandada pelo escritor Marcelino Freire. E, ainda, algumas atividades complementares, como *workshops* e bate papos sobre a produção audiovisual LGBT ou assuntos afins, e, eventualmente, exposições fotográficas ou mesmo dos cartazes e artes de divulgação do próprio festival. Há, também, as festas, que acontecem, praticamente, em todos os dias de programação, espalhadas por casas noturnas da cidade.

A diversidade altera o ritmo das coisas no mundo, ao instaurar um novo *corpus* de possibilidades e resultantes. Verifica-se um (inter)câmbio que se alterna e altera por diferentes instâncias enunciativas. E, estrategicamente, tal diversidade múltipla e pluraliza algumas representações. Como caleidoscópio vibrante, são potencialidades de múltiplas combinatórias (GARCIA, 2012: p. 3).

Por conta dessa diversidade sobre a diversidade sexual, o festival, que no princípio chamava-se “Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual”, posteriormente, “Festival Mix Brasil de Cinema e Vídeo da Diversidade Sexual”, em sua 20ª edição passou a intitular-se “Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade”, por compreender que o festival abrange várias manifestações culturais, como audiovisual, teatro, música, literatura, e busca dialogar com a diversidade em um aspecto amplo, não apenas sexual.

Ao longo destes vinte anos, a organização do festival já foi convidada para realizar mostras com produções brasileiras em diversos festivais LGBTs ao redor do mundo, como

Canadá, Estados Unidos, México, África do Sul, Argentina, Portugal, França, Itália, Alemanha, Austrália, atuando como promotor e divulgador de audiovisuais nacionais.

Hoje, o Festival Mix Brasil é visto como circuito em que muitos desses filmes sobre a diversidade encontram lugar para exibição. Para alguns produtores, diretores, roteiristas, este é o único local para mostrarem seu trabalho, para verem e serem vistos, por, ainda, não conseguirem espaço no circuito comercial, com acesso ao grande público. Segundo Fischer, os realizadores e produtores de filmes passaram a encarar o circuito de festivais, dessa temática (mais de duzentos no mundo hoje), na verdade, como a plateia, como o mercado deles.

Talvez esta situação torne mais visível uma característica que parece unir muitos desses festivais, que é o fato de bordjarem entre estéticas audiovisuais das mais “comerciais” às mais “alternativas”, vigor que o próprio Mix Brasil parece manter desde sua primeira edição. Os filmes mais alinhados a estéticas comerciais acabam tendo como predomínio os temas masculinos, os dramas do “amor romântico” e a quase raridade da experiência transgênero. Com isso, o epicentro das produções *queer* se mantém no curta-metragem, que abre mais espaço para o experimentalismo e chega mesmo a fazer dele uma premissa. O resultado é uma grande diversidade estética, tão ou até mesmo mais plural que a própria “diversidade” sexual e de gênero. Ainda que em festivais como o Mix também haja espaço para filmes que costumam ter carreiras comerciais bem sucedidas, há muitos trabalhos que não vão circular por outro circuito que não seja o de festivais – o que neste último caso não é apenas uma realidade dos curtas, mas também de muitos longas nacionais e internacionais (SILVA, 2012: p. 26).

E, com essa visão de “festival-mercado”, a organização do Mix passou a pagar por, praticamente, todos os filmes que são exibidos durante o evento. Raramente, conseguem alguma exibição sem custo. Isso é reflexo da profissionalização tanto do festival, quanto do circuito em geral, principalmente dos produtores e realizadores de filmes.

## **A curadoria**

Neste artigo, a palavra curadoria será empregada para designar a atividade do comitê de seleção, principalmente, das produções audiovisuais e, também, das outras linguagens, como teatro, música e literatura, do Festival Mix Brasil. A curadoria do festival fica a cargo, atualmente, de André Fischer e João Federici, também diretores do Mix. Destaque para o recorte do trabalho realizado por eles na 20ª edição, ocorrida em 2012.

A curadoria do festival orchestra seu olhar tendo como ponto de partida duas vertentes: fatos marcantes ocorridos no Brasil e no mundo, bem como a tendência da

produção nacional e internacional. A produção internacional primeiro é apresentada pelo Festival Internacional de Cinema de Berlim<sup>7</sup>, no começo do ano. Portanto, para a edição do Mix Brasil, que acontece, geralmente, em novembro, o processo da curadoria tem início efetivo em fevereiro, após a entrega dos Ursos de Ouro e Prata.

Berlim, então, é o primeiro festival que a curadoria do Mix participa a fim de garimpar suas primeiras pérolas para a edição do ano corrente. E muito do que é visto em Berlim serve de norteador não só da programação do Mix Brasil, mas, principalmente, como auxiliar na definição do conceito da edição.

O conceito desenvolvido pela curadoria, em cada edição, também, sofre influência do cenário brasileiro e/ou datas comemorativas, como foi na 18ª edição, em que o conceito e slogan, “Aliste-se!”<sup>8</sup>, giravam em torno do alistamento militar obrigatório, aos homens, no Brasil, ao atingir a maioridade civil.

Para a edição de 2013, que se encontra em fase de definição de conceito e curadoria, Fischer destaca a tendência internacional de produção de filmes sobre religião e sexualidade, algo que vem ao encontro com a questão do fundamentalismo, latente no Brasil, que dificulta o processo de obtenção de garantias e direitos para a comunidade LGBT. Esta é uma questão na pauta de definição do conceito da 21ª edição do festival, como afirma Fischer:

[...] esse ano tem muito filme de religião. É uma coisa muito forte na produção mundial sobre a questão da sexualidade e religião. Então, a gente, provavelmente, esse ano vai vir com alguma coisa por esse lado. E casa muito com essa coisa toda fundamentalista no Brasil. Faz todo sentido.

Outro ponto que será considerado na concepção da curadoria é que 2013 é o ano da Alemanha no Brasil<sup>9</sup>, o que fará com que esse seja o país homenageado dessa edição. Tendo isso em mente, o comitê de seleção do Mix Brasil já está em busca de produções alemãs para compor a programação. Em várias edições, o festival prestou homenagem a um país específico ou cultura, com a seção “Mundo Mix”, que traz uma mostra com produções audiovisuais daquele país ou cultura, como Itália (19ª edição), França (17ª), Israel (16ª), entre outros. Na 15ª edição, o recorte foi sobre a produção asiática, que englobava Japão, Coreia, Filipinas, Taiwan, Singapura, Tailândia, Vietnã, Indonésia e Malásia.

---

<sup>7</sup> Em sua 63ª edição, o Festival Internacional de Cinema de Berlim, realizado entre 07 e 17 de fevereiro de 2013, levou às telas um panorama internacional significativo da produção audiovisual mundial, por meio de 400 filmes.

<sup>8</sup> “Aliste-se!” serviu, também, como uma convocatória ao público para participar mais ativamente do festival, seja como espectador, realizador ou formulador de ideias e sugestões para auxiliar o crescimento do Mix Brasil em suas próximas edições.

<sup>9</sup> Uma iniciativa do Ministério Alemão das Relações Exteriores, que ocorrerá entre maio de 2013 e maio de 2014, com a realização de diversos eventos pelo país.

Todo ano o Festival Mix Brasil revela para o público brasileiro uma cinematografia nacional ou regional onde a temática LGBT esteja passando por um momento de especial ebulição. África do Sul, França, Extremo Oriente e Israel já foram em edições anteriores merecedores deste foco (MIX BRASIL, 2010:12).

A curadoria de audiovisual, a base que norteia o festival, participa de vários festivais ao redor do mundo para se munir dos lançamentos do ano e, a partir disso, iniciar o processo de contato com os diretores e produtores dos filmes escolhidos. Fischer e Federici são comumente convidados a participarem de festivais levando uma programação brasileira para exibição ou para integrarem o corpo de jurados, que o facilita o processo de seleção dos filmes que comporão o “Panorama Internacional” do Mix Brasil. Quando não são convidados, acabam indo com recursos próprios. Como, por exemplo, na edição deste ano do Festival Internacional de Cinema de Berlim, em que João Federici viajou para participar do evento por conta própria. Já Fischer foi convidado a participar do Bafici<sup>10</sup>, em Buenos Aires, como parte da imprensa.

O primeiro contato entre o Mix Brasil e os realizadores de filmes, geralmente, acontece durante os festivais em que participam. Ali, são feitos convites ou primeiras propostas para viabilizar a vinda destas produções ao Brasil. Em alguns casos, o negócio é fechado no ato. Em outros, o processo se alonga durante semanas, meses, até a resposta final, chegando quase que a acontecer essa definição às vésperas do início do festival.

Isso se deve, principalmente, ao restrito número de cópias que os realizadores possuem de seus filmes. E, também, à coincidência de datas de realização de alguns festivais. Fora o fato que o Mix Brasil é considerado um festival longo, por acontecer em, no mínimo, duas cidades, o que acarreta a necessidade de retenção de uma mesma cópia de filme por quase um mês.

Esses convites acontecem, também, em festivais realizados no próprio país. Como relatou Fischer,

[...] eu sou do comitê de seleção do Festival de Curtas da Kinoforum, da Zita, e eu sou da parte de filmes brasileiros. Então tem muita coisa que eu assisto, e tem muito filme, que é engraçado, os diretores se surpreendem quando eu assisto e convido. Eles até conhecem o festival, mas não tinham imaginado em inscrever no Mix. [...] No ano passado, por exemplo, teve dois filmes da Mostra Competitiva que eles falaram “Nossa, mas é mesmo... ele é sobre a diversidade. Ele é um filme que pode ser visto e lido como um filme gay”.

---

<sup>10</sup> *Buenos Aires Festival Internacional de Cine Independiente*, acontece geralmente no mês de abril, desde 1999.



O próximo passo é acertar os valores para a licença de exibição, bem como a quantidade de exibições que essa licença compreende. A licença de alguns filmes é tão alta que impossibilita a turnê, ficando estas produções restritas à exibição em apenas uma cidade e/ou sessão.

Atualmente, a participação em festivais internacionais fica, praticamente, sob a responsabilidade de Federici, enquanto Fischer cuida, quase que exclusivamente, da triagem da produção nacional, principalmente, de curtas-metragens. Segundo Fischer,

É nisso que eu estou sintonizado hoje em dia, com o que é feito no Brasil. [...] nos últimos vinte anos, eu vi tudo que foi produzido mesmo, que foi produzido no Brasil. É raro um filme que tenha escapado. Então eu cuido mais dessa produção, que é basicamente de curta-metragem, pouco longa, que é produzido no Brasil dessa temática, uma meia dúzia, no máximo, e também fica fácil para selecionar. Aí tem documentário, alguma coisa. E curta-metragem. Curta-metragem, no ano passado, eu assisti mais de trezentos, para chegar numa seleção. A gente exibiu no total, quarenta. Deu mais um pouco, uns cinquenta curtas brasileiros.

Boa parte dessa produção de curtas-metragens chega às mãos da curadoria por meio de um edital de inscrições, que fica aberto geralmente entre maio e agosto. Os interessados preenchem um formulário de inscrição e enviam cópia do audiovisual produzido. Os inscritos passam por um comitê de seleção, encabeçado por Fischer e podem ser selecionados para qualquer seção que compõe o festival, como o “Panorama Internacional”, o “Curta Mix Brasil” ou a “Mostra Competitiva Brasil”.

As produções que se inscrevem no festival assinam um termo de compromisso e consentimento da licença de exibição de seu audiovisual tanto para os dias em que ocorre o festival, quanto para toda a turnê do Mix Brasil, que compreende a itinerância realizada no ano seguinte, geralmente, entre fevereiro e setembro.

Nos últimos anos, o Mix Brasil deixou de ser apenas um festival de cinema e vídeo e passou a ser um festival de cultura da diversidade, englobando outras expressões artísticas, como teatro, música e literatura. Tal ampliação do foco deve-se, segundo Fischer, a duas observações. Em primeiro lugar, a constatação que a parte de audiovisual, bem como seu público, já havia chegado a uma forma e tamanho que, dificilmente, poderia ser ampliada. Mesmo realizando sessões ao ar livre ou em estações de metrô, pouco seria alterado em termos de público – no total entre quarenta e cinquenta mil pessoas, por edição –, algo vivenciado por outros festivais de cinema, também. E a percepção que o crescimento viria por meio da ampliação de expressões artísticas contempladas no festival. Assim, seria possível

atrair novas pessoas com outros interesses, o que acarretaria o crescimento natural do Mix Brasil.

A curadoria de teatro fica a cargo de João Federici, que vasculha se há algum espetáculo teatral pelo país que se encaixe ao perfil do festival. Também, faz sua busca em festivais, como o Festival de Teatro de Curitiba. O espaço dedicado ao teatro tem crescido nos últimos anos, com o aumento de espetáculos, leituras dramáticas e performances, mas, ainda, enfrenta obstáculos. Parte das atrações tem a coprodução da própria organização do Mix Brasil, situação similar ao ocorrido nos primeiros anos do festival, com audiovisual.

Música tem André “Pomba”, como curador, idealizador e produtor executivo do “Mix Music”, o único festival de música voltado para o público LGBT, que acontece, desde 2000, e é realizado pela Associação Cultural Dynamite, com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo. O evento, considerado o braço musical do Festival Mix Brasil, conta com uma programação eclética, com artistas sensíveis ao universo LGBT.

Em literatura, a curadoria fica nas mãos de Marcelino Freire, escritor e criador do evento “Balada Literária”, que, em 2012, passou a ter uma edição dentro do Mix Brasil, que contou com uma conversa com escritores e o lançamento de um jornal. Impensada até então, a “Balada Literária Mix” foi um sucesso de público e garantiu a inclusão da literatura no festival. Para a próxima edição, sua programação será ampliada.

Uma estratégia importante adotada pela curadoria do festival é planejar alternativas de programação, vislumbrando a possibilidade de não captarem o montante orçado para cobrir os gastos necessários para a realização do festival. Em cada um destes planos traçados, alguns cortes são realizados na programação, mas há a premissa de manter a integridade curatorial do festival, que se refere à parte essencial que não pode, em hipótese alguma, ser cortada: o “Panorama Internacional” e a “Mostra Competitiva Brasil”. O que confirma a premissa que o Mix Brasil não deixou de ser, em sua essência, um festival de cinema e vídeo.

A cerimônia de abertura, destinada apenas a convidados, tem por especificidade discursos que valorizam o histórico do Mix Brasil e convidam a vivenciar novas experiências, com olhares outros, por meio da diversidade, seja da programação, seja do contato com o outro. Para isso, conta com um filme de abertura com relevância no circuito internacional, que ilustra o prestígio do festival. Em vinte edições, somente em 2009<sup>11</sup>, o Mix Brasil abriu com um filme nacional, o longa-metragem “Do começo ao fim”, de Aluizio Abranches, em seu lançamento mundial.

---

<sup>11</sup> 2009 foi um ano marcante, com o maior número de longas-metragens brasileiros exibidos no festival. Ao todo foram sete, que tiveram uma mostra especial intitulada “Seleção Brasileira”

O filme de abertura tem que ser uma produção significativa, mas não necessariamente o longa-metragem mais forte da programação, já que o intuito da curadoria para a abertura é exibir um filme leve, convidativo para a festa que encerra a cerimônia.

O público que frequenta o festival, também, é diverso. Compreende desde aqueles que vão pela possibilidade de encontro com outras pessoas, para “fazer o social”, até os cinéfilos – muitos não LGBTs –, com interesse em produções independentes. Esse cenário se repete, também, na itinerância pelo país.

A turnê abrange, geralmente, cidades que demonstram interesse pelo festival e patrocinam a viagem, seja por parte de sua Secretaria de Cultura, seja por iniciativa de grupos LGBTs locais, que aproveitam a itinerância do Mix Brasil, muitas vezes, como estandarte de militância, por vezes, parte da programação que acontece junto à Parada do Orgulho LGBT local. Em algumas cidades, como Presidente Prudente (SP), Birigui (SP), Ribeirão Preto (SP), Osasco (SP), o festival acontece em unidades do SESC, com divulgação, atraindo, na sua maioria, frequentadores da própria unidade. Em dois ou três dias, variável conforme disponibilidade local, há a exibição de um longa-metragem estrangeiro (com licença adquirida); um documentário de longa-metragem; produções da Mostra Competitiva e um programa de curtas-metragens (Mix Jovem, Sexy Boys, entre outros). A programação pode sofrer alteração conforme o local e período de exibição.

Essa itinerância revela o quão diverso é o público do festival. Em cidades carentes de mostras audiovisuais, como Rio Branco, no Acre, o Mix Brasil é divulgado em anúncio na televisão. Tal fato, reflete-se no comparecimento de um público, que, às vezes, não sabe que o festival enfoca a diversidade sexual, e, por isso, acaba deixando as sessões antes do término das exibições. Em Joinville, o Mix Brasil acontece dentro da Semana da Diversidade, que culmina com a Parada Gay. Assim, o número de espectadores, também, é variável. Em algumas cidades, a plateia reúne trinta, quarenta, cinquenta pessoas. Em outras, como Recife, as sessões acontecem com lotação máxima, cerca de mil lugares, e conta com apoio policial para organizar a entrada.

Nas cidades em que esta mostra do festival acontece pela primeira vez, André Fischer procura sempre estar presente, para sentir o público e a cena cultural, não só LGBT, da cidade. O que contribui para o aperfeiçoamento desta itinerância, ao longo dos anos.

## Questões organizacionais

A gestão do festival conjuga questões curatoriais e organizacionais que caminham juntas em todas as fases, desde a definição do conceito até a prestação de contas.

Com base nas primeiras ideias do conceito a ser desenvolvido naquela edição, um *briefing* é elaborado e enviado à agência responsável pela campanha publicitária do evento, para o início dos trabalhos, bem como há uma primeira reunião para alinhamento das propostas.

Há alguns anos, o festival tem o apoio de uma agência publicitária para a produção da campanha de divulgação do evento. A agência não cobra nada pelo serviço prestado. Fischer explica que “tem que ser de graça e tem que dar o filme para a gente. [...] Em alguns anos, o filme era mais caro que o festival”. Por esse motivo, há um rodízio entre estas agências parceiras, geralmente, de três em três anos. Em 2013, o Mix Brasil volta às mãos da Agência Neogama/BBH, que esteve, recentemente, à frente da campanha das 16ª e 17ª edições do festival, e que voltam após três edições.

A parceria com essas renomadas agências publicitárias proporciona ao festival o privilégio de, todo ano, ter uma impecável campanha de divulgação, tendo como destaque um filme de alta qualidade, que agrega valor ao Mix Brasil no circuito internacional de cinema, por ser um dos únicos festivais, de temática LGBT, com material promocional requintado. Tal feito é fruto do reconhecimento da importância do festival no cenário cultural contemporâneo por parte dessas agências apoiadoras.

Nos primeiros anos, a divulgação acontecia, principalmente, no portal Mix Brasil, que teve origem a partir do Festival Mix Brasil. O espaço na imprensa foi sendo conquistado gradativamente. Segundo Fischer,

Desde o começo o festival teve uma simpatia muito grande da mídia, então a gente sempre ganhou capa de *Ilustrada*, capa do *Guia da Folha*, o próprio *Estadão* que, hoje em dia é menos, mas já foi mais conversador, sempre respeitou e deu um espaço. Acho que como a gente sempre esteve em espaços muito institucionais, a gente sempre conseguiu um espaço muito grande na mídia, jornal principalmente, os telejornais.

Há uma assessoria de imprensa que cuida do envio de releases, mas a organização se envaidece de nunca ter comprado espaço na mídia, sempre utilizou espaços cedidos por apoiadores, como UOL, a Revista *Trip* e a Rede Globo.

Com relação à equipe de organização, entre os meses de fevereiro e julho, se resume a André Fischer e João Federici, para definição do conceito da próxima edição do festival, bem como os primeiros trâmites de produção e o encaminhamento para a campanha publicitária. A partir de agosto, a equipe aumenta com a chegada de produtores, que auxiliam no fechamento da programação e outras pessoas que permanecem até o encerramento do festival, em novembro. Então, a sala que o festival possui dentro da Associação Cultural Mix Brasil, em São Paulo, que, durante o ano, é utilizada por duas a três pessoas, chega a comportar cerca de quarenta pessoas, durante, praticamente, um mês, no período que antecede o festival e quando de sua realização. Fischer relata que

os produtores, geralmente, são pessoas que já trabalham com a gente há bastante tempo. A gente tem um time de pessoas. Você agrega um ou outro novo, mas já é um time que está com a gente há bastante tempo. Às vezes, o cara não pode em um ano, volta no ano seguinte. E hoje o que acontece é isso, a gente até, nessas cidades, no Rio a gente tem uma equipezinha também, mas sei lá, o carinho que faz no Acre, em Rio Branco, é um cara que está morando lá e que trabalhou no Mix aqui. O de Campo Grande, a mesma coisa, trabalhou com a gente aqui, está morando lá e é o produtor de lá.

Durante o festival, propriamente dito, há uma equipe de monitores, sob coordenação de Fabiana Amorim, contratados para auxiliar na realização dos eventos programados. Após a realização do festival, a equipe volta à enxuta composição original, que fica responsável pela prestação de contas e pela realização da turnê do festival no começo do ano seguinte.

O maior limitador do crescimento do festival é, de longe, a dificuldade de captar o montante financeiro necessário para a realização do evento tal qual pensado inicialmente. A cada edição, a organização tem que buscar novas alternativas e parceiros para conseguir realizar o festival conforme idealizado. Fischer atesta que,

Na verdade, a gente já fez vinte edições do festival, e acho que a gente deve ter tido umas cinco ou seis que a gente teve quase o orçamento inicial planejado para fazer o festival. Não sei se chegou a isso tudo. A dificuldade maior é essa, porque a gente sempre faz um Plano A, B e C. [...] A maior parte das vezes, a gente trabalhou no C, eu diria. Mais da metade das vezes a gente trabalhou no C. Algumas vezes no B. Pouquíssimas vezes no A. [...] e mesmo o próprio plano A, como, por exemplo, o ano passado, que eu diria que a gente fez um Plano B1, assim, porque a gente até teve recurso para fazer um A, mas esse recurso saiu quando o festival já estava fechado. Então foi ótimo, deu para gente pagar as dívidas do ano anterior. [...] No outro ano, a gente fez um Plano B3 e a gente teve um orçamento C, menos C, C menos. Então, a gente ficou com dívida do 19º. Então, acabou que o 20º, a gente até tinha pensado em fazer algumas coisas que a gente cortou, em cima da hora. E o dinheiro acabou saindo depois, mas já não tinha mais jeito. O dinheiro saiu no final de outubro. A gente já estava fazendo... O último dinheiro saiu quando a gente já estava fazendo catálogo.

O que aconteceu na 19ª edição foi uma exceção. Normalmente, a organização do festival percebe o cenário financeiro disponível e opta pelo “Plano A, B ou C” que melhor se encaixe na verba alcançada. Relata Fischer que,

A gente nunca gasta mais. Entra menos. [...] o que a gente faz é, se entra menos dinheiro, a gente corta. [...] O que aconteceu foi que na 19ª edição, a gente estava contando com um dinheiro que não entrou. A gente tinha um patrocínio que estava acertado, garantido, mas não aconteceu. [...] a gente faz ele muito apertadinho. O festival é feito, realmente, com todos os recursos que estão todos previstos. Se alguma coisa é cortada, se não é antes, é que esse no caso foi depois, é que o dinheiro que era para entrar, não entrou. Avisaram para a gente depois que não ia entrar. Então acabou dando um buraco de exatamente aquele valor, do valor daquele patrocínio que a gente estava esperando ter. Senão a gente corta. Até duas semanas antes, dá para a gente cortar, mesmo. Não vai ter essa sessão toda aqui no festival, porque não entrou o dinheiro. Mas é todo um plano A, B, C [...] para garantir uma integridade curatorial na temática dele, a gente já sabe o que a gente vai cortar.

A fim de buscar alternativas, o festival, em vários anos, foi inscrito em editais de Leis de Incentivo à Cultura, como a Lei Rouanet (federal), bem como no ProAC – Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo. Obter aprovação nunca foi o problema. O difícil é conseguir captar. O esforço empregado, inicialmente, para preencher os formulários e providenciar as documentações exigidas, acaba sendo em vão. Fora os trâmites necessários para justificar, quando não é possível realizar a captação do valor mínimo orçado ou para proceder à prestação de contas – esta prestação de contas chega a se estender até o primeiro semestre do ano seguinte. Por estes motivos, em muitos anos, a organização do Mix Brasil deixou de inscrever o festival nesses editais e dedicou-se a captar recursos por conta própria.

A estratégia empregada para esta captação é apresentar o projeto tanto em repartições públicas, como Ministérios e Secretarias de Cultura, como em empresas privadas. Embora em empresas privadas, devido ao pouco sucesso atingido nas investidas, a organização está cada vez mais rareamento as tentativas. Vivo, RedBull e UOL são algumas das poucas empresas que empregaram recursos financeiros no festival, ao longo de seus vinte anos de existência. Em 2012, o Mix Brasil contou com o patrocínio da Sabesp, conseguido via Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

O SESC é tido como importante patrocinador do festival, que, por exemplo, na 20ª edição, foi o responsável por viabilizar, financeiramente, a exibição de produções portuguesas, por estar envolvido nas celebrações do ano de Portugal no Brasil, que acontece de 07 de setembro de 2012 a 10 de junho de 2013. Segundo Fischer, é o SESC, também, que financia a festa de abertura do festival.

A dificuldade em encontrar empresas que patrocinem o festival acontece parte por ser uma realidade brasileira, parte devido a sua temática. É sabido que, há apenas alguns anos, vem ganhando espaço uma nova cultura nas empresas, a de investir em projetos sociais e/ou culturais. O país ainda engatinha nesta questão, o que faz com que muitos projetos e eventos culturais tenham que disputar a preferência destas poucas empresas dispostas a destinar recursos financeiros para estas produções.

Por ser um festival com temática LGBT, ainda um assunto tabu na sociedade, o Mix Brasil encontra maior resistência. Fischer relata que o festival, recentemente, perdeu o patrocínio de um importante banco brasileiro, devido à mudança da diretoria de marketing, que passou a ser comandada por uma pessoa não sensível a causa LGBT. Isso evidencia um obstáculo a mais na busca pela captação de recursos financeiros.

Com relação à locação das salas de exibição, a organização arca, nas sessões em que os ingressos não são gratuitos, com os custos de 50% da bilheteria, nas salas ocupadas nas unidades do SESC, no Espaço Itaú e outros. Nas salas com entrada gratuita, o pagamento é calculado considerando lotação máxima com ingressos inteiros vendidos, o que faz com que o valor cobrado seja muito alto. Mas, também, há a utilização de salas gratuitas, cedidas pelas Prefeituras, principalmente, a de São Paulo, que permite a ocupação do Centro Cultural São Paulo para realização de parte da programação do Mix Brasil, com entrada gratuita.

## **Desafios e perspectivas**

Com raízes na cidade de São Paulo, o Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade foi um importante inspirador para diversas manifestações acerca da diversidade sexual, que aconteceram após sua primeira edição em 1993, como a realização das Paradas do Orgulho Gay<sup>12</sup>, no Brasil, principalmente, em São Paulo. Segundo Fischer, o Mix Brasil é

um festival de base, de formação. Então, por exemplo, todo mundo que fez a Parada Gay de São Paulo... Na verdade nasceu... E eu posso falar isso porque eu assisti, estava participando. No ano anterior, o grupo todo que fazia a parada estava e participou de uma sessão que a gente fez mostrando as paradas no mundo, como é que elas eram. A gente fez uma programação, em 96, disso. E as pessoas todas que fizeram a parada no ano seguinte, estavam lá assistindo naquele ano. E foram em 97 e... Ele tem esse papel muito de formação.

---

<sup>12</sup> No Brasil, a primeira Parada Gay aconteceu no Rio de Janeiro, em junho de 1995, após a realização da 17ª Conferência Internacional LGBT (ILGA), primeiro evento deste gênero no país, reunindo cerca de três mil pessoas na Praia de Copacabana. Fonte: [www.arco-iris.org.br](http://www.arco-iris.org.br)

O que acontece em São Paulo acaba servindo de referência para inúmeros desdobramentos Brasil afora. Portanto, pode-se considerar que o Festival Mix Brasil tem um papel de considerável relevância no cenário cultural brasileiro contemporâneo. Fischer, também, elenca algumas contribuições do festival:

Eu acho que o Mix, ele tem um papel mesmo de formiguinha. E eu vejo isso hoje, muito presente no site, que é um site que ele foi o único durante muito tempo, e hoje tem centenas de sites, blogs, que fazem isso. Mas você vendo, por exemplo, as pessoas que estão nos sites maiores, a maioria trabalhou aqui, passou por aqui. Eu fico vendo, por exemplo, essas pessoas hoje que estão fazendo esses longas, estão fazendo, tudo, todos os realizadores, a maioria absoluta, o primeiro curta que ele exibiu foi dentro do Mix Brasil.

E o reconhecimento da relevância do festival fica evidente, por exemplo, na escolha, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, ressaltada por Fischer:

[...] a Secretaria de Cultura, esse ano, vai apoiar só cinco festivais, então toda a política da Secretaria de Cultura do Estado, esse ano, é dar apoios maiores a menos eventos, em tudo. Ao invés de pulverizar. De fazer um monte de coisa mais ou menos, fazer bem feito, menos coisa. E é isso. E escolheram cinco festivais, que eles consideram festivais mais importantes. E a gente está entre estes cinco festivais.

O Mix Brasil, ainda, possui um importante papel como fomentador de produções audiovisuais, no país, não mais direito, como fora no princípio, ao coproduzir uma parte dos filmes exibidos, mas por abrir as portas para tais produções entrarem no circuito de festivais brasileiros, serem vistas pelo público, e terem a oportunidade de integrar as mostras que o Mix Brasil realiza em outros festivais LGBTs pelo mundo, além da própria turnê brasileira. De acordo com afirmação de Fischer,

Ele acaba sendo uma vitrine muito importante, para essa produção, [...] A gente teve uma onda o ano passado, o ano retrasado, de filmes do Mix, que a gente mandou, ganhando festivais fora do Brasil. [...] São filmes que, principalmente no Brasil, vão passar ainda em três ou quatro festivais. E vão ter um circuito até maior fora do que aqui.

O avanço tecnológico, irrefreável, imprime suas marcas, também, no Mix Brasil. Se, por um lado, este avanço impulsionou e facilitou a produção e distribuição de audiovisuais, por outro, negou aos festivais, não só ao Mix Brasil, o caráter de ineditismo, de plataforma de lançamento de produções. Conforme relata Fischer, “[...] ano passado, o filme de abertura, que era um filme inédito no Brasil, um filme belga, que não tinha nem legenda em português.



[...] No dia em que a gente fez a abertura, aqui, tinha um camelô vendendo esse filme, com outro título”.

Esse panorama se repete tanto com as superproduções quanto com as de baixo orçamento. Nos últimos anos, o “Show do Gongo”, composto por produções caseiras, tem exibido e premiado vídeos, amplamente, assistidos via internet.

Neste cenário urge a precisão de adaptação dos festivais, frente a estes novos tempos. A premissa do ineditismo cede lugar ao atrativo do evento, tornando o festival um ponto de encontro entre as pessoas, em que cinéfilos, produtores, diretores, atores, realizadores, pessoas comuns, LGBTs ou não, se encontram para trocar experiências, debaterem sobre as produções, ou simplesmente flertarem, se divertirem nas festas. O papel de um festival de comunidade, como é o Mix Brasil, é funcionar como um ponto de encontro.

A maioria dos festivais, ao longo de suas edições, desenvolveu uma prática de conversa, de debate, que os distingue dos demais festivais de cinema, dado o interesse “formativo” que lhe é inerente. A aparição nos festivais GLBT de diretores, atores e críticos, bem como o convite a pesquisadores da área da sexualidade, da psique e/ou relacionados com a temática em questão (violência física contra gays, AIDS, etc.), promove outra dinâmica de projeção-audiência, que descaracteriza a tradicional relação passiva e aumenta as chances de esclarecimento ou mesmo de germinação de dúvidas (existenciais ou não) que permitirão um prolongamento da exibição do filme a uma relação maior (engajamento?) com o que se consome em termos de imagem-representação (BESSA, 2007: p. 275).

Promover um ponto de encontro, de debate, de bate papo, de troca de informações é a única forma de concorrer com esta facilidade de distribuição das produções, já que, se a pessoa deseja, simplesmente, assistir a um filme, não precisa, necessariamente, ir ao cinema, ou, no caso, ao festival. Está apenas a um clique de distância. Então, o que passa a contar como ponto atrativo de um festival é a possibilidade de conhecer outras pessoas, de ver e ser visto. Além do caráter de circuito e mercado, que os festivais desempenham com maestria. Como afirma Fischer, “o Festival de Berlim, ele tem que funcionar como mercado, em que as pessoas ali vão se encontrar para vender, para você conhecer o produtor. Tem que funcionar dessa maneira. Tem que ser. Essa é a função de um festival”.

Para o Mix Brasil, essa percepção foi um dos motivos, também, para a mudança do nome do festival para “Cultural da Diversidade”. Cinema e vídeo não podem delimitar o alcance do festival. Para Fischer,

[...] ele é um festival de cultura, ele tem que ser isso. Ele tem que estar preparado para esse outro momento, onde o cinema é a origem dele [...], mas pode ser que daqui a cinco anos, já nem seja mais. O cinema já tenha encontrado outro nível, e o festival vai ter que existir.

A inclusão, ao longo dos anos, de novas manifestações culturais, como música, teatro e literatura, auxiliam neste processo de ampliar os atrativos do festival, já que são momentos que podem ser lidos como únicos. A experiência de assistir a uma peça teatral, a um show musical ou a um bate papo com um escritor renomado são únicas. Elas até podem acontecer em outros locais, mas serão diferentes, seja pelo público, seja pelo contexto. Então, vale investir no crescimento da programação nestas áreas. Literatura, principalmente, que teve sua estreia, em 2012, com público maior que o espaço de realização comportava, em apenas uma única noite. Cabe ampliar a programação de literatura, testar novas possibilidades, para atrair novos públicos. Teatro, também, é uma área promissora, embora demande maior investimento nas produções. E música, assim como o audiovisual, parece ter chegado ao seu limite. Para ampliar, há a necessidade de aumentar a verba disponível para a contratação de bandas ou artistas, o que não está nos planos da organização do Mix Brasil, a não ser que surjam oportunidades outras, como parcerias e patrocínios. A verdade é que, gradativamente, cada uma destas áreas encontra seu formato de sucesso e, também, seu limite.

Assim como surgiu literatura, pode ser que outras expressões passem a incorporar o festival. Sempre com o intuito de promover o crescimento e abarcar novos públicos para, sempre, se renovar. Fischer atesta que,

Ano passado, acho que o grande mérito do festival foi essa questão assim, da gente incorporar essa questão de cultura da diversidade. Ao invés desse ser um festival de cinema da diversidade sexual, “ah, o que você entende?” “Ah, um festival que passa filme gay” Quando você fala de cultura da diversidade, você está convidando a pensar em outras coisas. Então a gente, ano passado, fez um programa que eu me orgulho muito, que é o “Crescendo com a Diversidade”, que era um programa para criança, e que teve um público infantil mesmo, os pais vieram, coisa e tal. E que você tinha um curta-metragem da criança tentando entender o que é um travesti, um curta-metragem de uma menina com paralisia cerebral e como ela – tudo de animação –, como ela era na escola, uma animaçãozinha sobre a questão racial e um filme de uma menina zumbi, um longa de uma menina zumbi, que sofre preconceito por ser zumbi. Então como você explica a questão do preconceito, da superação. Independente da questão da diversidade sexual. Diversidade, diversidade. Vou mostrar tudo que é diferente. Para criança. Então acho que é isso, são esses os caminhos que o festival tem que ir.

O próprio Fischer reconhece que seu olhar sobre a produção audiovisual está mais amplo, não só voltado para a produção com temática LGBT. Ao invés de ir a festivais LGBTs, ele prefere ir a festivais que proporcionem o conhecimento do que está sendo feito de curtas-metragens brasileiros para garimpar produções que versem sobre a diversidade, não apenas em um recorte sexual.

Ampliar a visão é imprescindível para continuar atual, para conquistar o público que está surgindo, cujo interesse não reside mais em se ver retratado em um audiovisual, como acontecia no passado. A mudança da plateia é um assunto que carece de reflexão. Fischer destaca que o envelhecimento do público de festivais de cinema LGBT é uma questão já debatida no fórum de festivais, há cinco anos. Pelo mundo, geralmente, o público desses festivais é composto por pessoas com mais de quarenta anos, já que o evento acaba não sendo atrativo para essa nova geração que lida com a sexualidade de uma maneira diferente. Embora os festivais continuem com sessões lotadas, os organizadores já se preocupam em adequar-se aos novos tempos.

Fischer aborda uma questão que corrobora com essa tendência. Ir ao cinema deixou de servir como fonte de informação para passar a ser vivido como uma experiência de estar em uma sala ampla, com tela gigante e som estéreo *surround*, com ou sem 3D, cheia de gente ao redor, regada a pipoca e refrigerante. Ver o filme é o que menos importa, já que é possível fazê-lo no conforto de sua casa, a qualquer momento, pela internet ou DVDs “piratas”. O que vale, nos dias de hoje, é a experiência do cinema, e não o que é assistido. É desta maneira que o festival deve ser pensado atualmente.

Promover um espaço em que as pessoas possam se encontrar, principalmente, no caso do Mix Brasil, tem um apelo social por possibilitar a ampliação de áreas de convivência, que para a comunidade LGBT, geralmente, se restringe a bares e boates. O festival oferece a oportunidade desse ponto de encontro acontecer em um ambiente cultural.

Além da sobrevivência do festival, esse pensamento de ponto de encontro, também, se consolida como uma importante contribuição para a comunidade LGBT, que se soma às demais. Fischer considera que o Festival Mix Brasil tem uma importância histórica para a comunidade LGBT, já que, desde seu surgimento, esteve presente ou serviu de inspiração para diversas manifestações ocorridas no país envolvendo esta temática. Quando da primeira Parada do Orgulho Gay, ocorrida em 1995, no Rio de Janeiro, uma mostra do Mix aconteceu na véspera do evento. Parte da equipe organizadora da primeira Parada de São Paulo, realizada em 1997, assistiu a uma mostra sobre as paradas pelo mundo, exibida em anos anteriores pelo festival.

A presença, mesmo indireta, nestes acontecimentos evidencia a importância do Mix Brasil. Fischer destaca que “foi fundamental para a cara que a comunidade gay, no Brasil, a maneira como ela é encarada, foi fundamental o festival. Foi a primeira vez que começou a se falar de gay na Ilustrada, no 2º Caderno. Não numa parte policial”. Isso se deve, muito, ao festival sempre ter acontecido em espaços culturais institucionais, como o MIS, em São Paulo;

o Palácio do Governo, em Fortaleza; o Teatro Nacional, em Brasília. O Mix Brasil abriu um espaço de visibilidade para a questão LGBT, fora do estereótipo arraigado na sociedade, mostrando que esse público, também, tem suas necessidades culturais, que frequenta salas de cinema, teatro, e não apenas está recluso em bares e boates.

Fischer ressalta o momento político vivido pelo Brasil, especificamente dos LGBTs, às vésperas da primeira edição do Mix, em 1993. Ele, mesmo, chegou a participar de várias reuniões de grupos, principalmente, estudantis, que clamavam pela criação de grupos organizados que representassem a luta pelos direitos desta comunidade. Essa retomada em busca da defesa dos direitos LGBTs aconteceu após um período de ostracismo em nosso país.

Grupos de militância homossexual vieram à luz, no Brasil, no final dos anos 1970, no embalo do grande movimento de oposição à ditadura militar, trazendo à cena pública o anseio de que a homossexualidade, como toda forma de amor e desejo, pudesse ser vivida e exaltada sem restrições. Na década seguinte, essa disposição ativista definiu, e a chama libertária que a tinha inspirado ameaçava aniquilar-se de vez em meio ao rastro de intolerância, violência e morte deixado pela epidemia HIV/AIDS. Bem o contrário, porém, foi o que sucedeu nos anos 1990: iniciativas militantes em torno da homossexualidade – tanto de combate à AIDS como de extensão da agenda de direitos civis – multiplicaram-se e expandiram-se por todo o país, com formatos institucionais distintos e conexões internacionais renovadas (FACCHINI, 2005: p. 13).

Aproveitando este gancho, surgiu o convite do Mix Nova York, que concretizou essa ânsia de representação e visibilidade para esta parcela marginalizada da população. Para Fischer,

O Mix catalisou. Naquele momento, foi ele que catalisou. Porque, sim, não foi do nada. Eu também fui porque eu estava conectado com essa coisa que estava acontecendo, lá fora. E tem essa perfeição de chamar Mix, que foi perfeito. Caiu como uma luva para a nossa realidade. [...] Pode ver que ele chama Mix, não é um festival que chama... Ele ajudou muito nesse sentido. Ele não se chama Festival de Cinema Gay e Lésbico. [...] É tudo que o Brasil esperava, era isso. Assim, você apresentar essa comunidade em um contexto mix.

Esse pioneirismo do festival deu origem a vários rebentos: ao Portal Mix Brasil, na internet; à própria Associação Cultural Mix Brasil, realizadora do festival; e a algumas publicações, como as revistas H Magazine e Junior, voltadas para o público homossexual masculino. André Fischer, também, está à frente dessas derivações do Festival Mix Brasil, além de comandar um programa na rádio CBN, o “CBN Mix Brasil”, que vai ao ar aos domingos, às 22 h, com uma hora de duração; e o programa “Cine Mix Brasil”, com seis temporadas, exibidas pelo Canal Brasil.

Tais iniciativas buscam produzir conteúdo cultural e entretenimento para os LGBTs; mantê-los informados de acontecimentos pertinentes à comunidade, que não chegam via veículos de comunicação convencionais; bem como dar visibilidade a esta comunidade e a questões da diversidade sexual.

Prever o futuro do Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade implica conjugar um universo plural de questões. Em primeiro lugar, como manter a conotação sexual, com exposições de audiovisuais com pitadas eróticas, com a necessidade de conquistar investidores/patrocinadores que, geralmente, não se sentem confortáveis em atrelar a marca de suas empresas com produtos com apelo sexual. Vale ressaltar que, segundo Fischer, 2012 foi o ano em que, efetivamente, pela primeira vez, o festival recebeu um patrocínio significativo. Isso é atribuído à retirada da palavra “sexual” do nome do festival. “O nome do festival era da diversidade sexual. Ele tinha sexo no nome do festival. Quando a gente tirou isso aqui, ele ficou muito mais fácil de ser mais aceito. A primeira vez que a gente conseguiu ter patrocínio, foi esse ano. De verdade”, afirma Fischer.

Encontrar um caminho para conciliar a exibição de produções com pitadas pornô e o patrocínio de instituições como o Ministério da Cultura, da Saúde, a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, é um desafio considerável ao festival, já que não é possível abrir mão de nenhum dos dois, em nome da própria integridade curatorial. Conforme afirma Fischer,

[...] a gente exibiu ano passado o “*I want your love*”, por exemplo, que é um filme assim, que é um filme de ponta. E hoje em dia, parte dessa produção de ponta está na pornografia. Hoje em dia, sem dúvida alguma. Mas como é que você concilia isso, com um festival que é patrocinado pelo Ministério da Cultura, pela Secretaria de Cultura do Estado, pelo Sesc. [...] Como é que você concilia isso? E eu acho que a questão do Mix é essa. [...] ele foi muito revolucionário, quando ele aconteceu, quando ele surgiu. Realmente foi uma coisa completamente diferente de tudo que tinha acontecido no Brasil. Deu norte para um monte de coisas. E eu acho que a questão que a gente tem hoje é isso: é o dilema entre se institucionalizar e correr risco. Sempre que você corre um risco... Mas eu acho que se espera do Mix isso.

Além disso, há, também, a questão de manter o festival relevante para o público LGBT, com mais de trinta, quarenta anos, que vai ao Mix para assistir produções em que se veja representado, em que se identifique com os enredos abordados. Ao mesmo tempo em que uma nova geração surge. Uma geração que está na crista da onda tecnológica, lançando tendências, vivendo a sexualidade de uma maneira mais natural, sem tantos preconceitos e dilemas. Para Fischer, urge

Encontrar viabilidade comercial. A necessidade de manter essa presença. E como é que você faz para também não encaretar demais mas... Onde você encontra esse

equilíbrio. Essas são as questões. Como é que você mantém a relevância com essas coisas todas acontecendo. E ao mesmo tempo em que a gente tem que garantir essa informação para esse cara de mais de trinta, quarenta, que espera uma coisa ali gay, se ver representado, mas se você falar só para esse cara aqui também, você está perdendo público mais jovem, não alcançando o público mais jovem. E como que você consegue fazer isso tudo tão amplo com a limitação de recursos que a gente tem. Então essas são as questões, esses são os desafios.

## **Considerações finais**

A busca incessante por novos caminhos faz manter acesa a vivacidade e pertinência do Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade, na contemporaneidade. Há a necessidade de se reinventar. Ter uma base, uma raiz sólida, como o Mix Brasil tem, é determinante neste processo. Auxilia na tomada de decisões, no que se deve ou não arriscar, nos limites que sempre podem ser, mesmo milimetricamente, ampliados ou repensados. Considerar o impensável pode ser uma decisão adequada, como foi o caso de incluir literatura no festival, algo que jamais havia passado pela cabeça dos curadores do Mix em acrescentar à programação.

O importante é permanecer aberto para absorver as demandas que vão surgindo. Como o próprio catálogo da 20ª edição anunciava: “Cabeças diferentes, ideias diferentes e o mesmo festival: cabeça aberta. Chegou a nova geração e ela é Mix” (MIX BRASIL, 2012). Aliar o passado com o presente para permanecer atuante e representativo no futuro.

O dilema entre institucionalizar-se e correr riscos. Entre manter o público LGBT fiel, com mais de trinta anos, que anseia por uma programação em que se reconheça, em que se veja retratado, e a nova geração, que lida com a questão da sexualidade por outro viés.

Os desafios são plurais, assim como a diversidade que o festival busca retratar. Não há uma fórmula pronta. A cada edição, a organização do Mix sente o cenário cultural do momento e se reinventa para manter sempre aceso seu foco luminoso sobre a diversidade.

## Referências Bibliográficas

- BESSA, Karla. *Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade*. Cadernos Pagu (28), janeiro-junho de 2007:257-283.
- COLLING, Leandro (org.). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: Editora da UFBA, 2011.
- COSTA, Horácio et al. *Retratos do Brasil homossexual – fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Edusp / Imprensa Oficial, 2010.
- FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- GARCIA, Wilton. *Consumo e Diversidade Cultural/Sexual: Investigações Interdisciplinares*. Revista Signos do Consumo – V.1, N.2, 2009. P. 79-90.
- LOPES, Denilson et al. (Orgs.). *Imagem & diversidade sexual: estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa edições, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. *Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação*. Estudos Feministas, ano 9, 2º semestre de 2001, p. 541-553.
- MIX BRASIL, 20. 2012. *Catálogo – 20º Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade: Chegou a nova geração e ela é MIX*. São Paulo: Associação Cultural Mix Brasil.
- REIS, Jaider Fernandes. *A descoberta do homoerotismo em curtas-metragens brasileiros*. [Dissertação] Belo Horizonte, MG, 2009.
- RHODEN, Annelise Carolina; PIMENTEL, Franciele. *A formação da identidade homossexual no cinema: “Café com Leite” e a quebra de paradigmas*. Revista Advérbio. Volume: VII. Número: Especial.
- RODRIGUES, Lilian Werneck. *O Móbile: a homossexualidade feminina em “The L Word” adaptada a um roteiro original*. Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social, pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2º semestre de 2007.
- SILVA, Claudio Roberto da; Lara, Marilda Lopes Ginez de. *Os termos relativos ao segmento GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) no contexto das linguagens documentárias*. Inf. Inf., Londrina, v. 9, n. 1/2, jan./dez. 2004.
- SILVA, Marcos Aurélio da. *Territórios do Desejo: Performance, Territorialidade e Cinema no Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual*. [Tese] Florianópolis, SC, 2012.
- SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. *Do “gueto” ao mercado*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, FFLCH- USP.

## Webgrafia

ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais). Disponível em: < [www.abgl.org.br](http://www.abgl.org.br)>. Acesso em: 11 jan. 2013.

FESTIVAL MIX BRASIL. Disponível em: <[www.mixbrasil.org.br](http://www.mixbrasil.org.br)>. Acesso em: 10 jan. 2013.

GARCIA, Wilton. *Uma possibilidade de homocultura no Brasil: estudos contemporâneos*. Disponível em: <[http://www.abeh.org.br/index.php?option=com\\_phocadownload&view=category&download=106:ww003pdf&id=1:anais-abeh-2012&Itemid=87](http://www.abeh.org.br/index.php?option=com_phocadownload&view=category&download=106:ww003pdf&id=1:anais-abeh-2012&Itemid=87)>. Acesso em 15 abr. 2013

LACERDA, Chico. Catálogos virtuais e releases de edições anteriores do Festival Mix Brasil [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[elieilien@yahoo.com.br](mailto:elieilien@yahoo.com.br)> em 09 abr. 2013.

MIX BRASIL. Disponível em: <[www.mixbrasil.org.br](http://www.mixbrasil.org.br)>. Acesso em: 10 jan. 2013.